Dia 14 — São Bonifácio, Mártir

Por volta do princípio do quarto século, sob o império de Galério Máximo, admirou-se na Igreja uma daquelas extraordinárias conversões que obra algumas vezes a mão poderosa do Senhor para animar a confiança dos pecadores e para descobrir ao mesmo tempo aos homens os tesouros de suas misericórdias.

Havia em Roma uma dama jovem, nobre, rica e poderosa, chamada Aglaé, filha de Acácio, que havia sido procônsul, de família senatória, a qual estava tão entregue ao fausto e à vaidade que costumava dar ao povo jogos públicos, cujos gastos custeava ela mesma. Era na verdade cristã, mas desacreditava o nome e a profissão com sua desregrada vida. Ocupada toda do espírito do mundo, entregava-se totalmente às diversões, até tocar a raia da dissolução, com grande escândalo de todos os fiéis.

Tinha comércio ilícito com seu mesmo mordomo, jovem de bela disposição, mas dado ao vinho e a todas as demais desordens. Chamava-se Bonifácio e, ainda que era também cristão, o era só de nome, desonrando a profissão, igualmente que sua ama, pela dissolução de seus costumes. Em meio destes defeitos notavam-se nele três boas prendas: compaixão dos miseráveis, caridade com os pobres e hospitalidade com os estrangeiros.

Havia muito tempo que levava uma vida muito desordenada quando o Deus das misericórdias mudou seu coração com a conversão da mesma que o havia pervertido. Movida Aglaé de uma poderosa graça interior, abriu os olhos para conhecer suas desordens e, espantada com a vista do número e da gravidade de seus pecados, despedaçado o coração de dor, resolveu aplacar a ira de Deus com suas esmolas e com uma pronta penitência.

À conversão de Aglaé seguiu-se imediatamente a de Bonifácio, e ambos repararam com vantagem o escândalo que haviam dado aos fiéis, com a mudança de sua vida e com seus grandes exemplos. Começou Aglaé fazendo a Deus um generoso sacrifício de todas as suas galas e suas joias; proibiu-se todo gênero de diversões e retirou-se para sempre de todas as concorrências mundanas. Às antigas diversões ilícitas sucedeu o jejum, a oração, o cilício e outras muitas penitências; e, procurando redimir seus pecados com suas esmolas, sepultou-se num profundo retiro, determinada a passar o restante de sua vida entre gemidos e prantos. Por sua parte, Bonifácio não omitia meio algum para ser fiel à graça, dando cada dia novas provas da sinceridade de sua conversão.

Noticiosa Aglaé de que o imperador Galério Máximo continuava no Oriente a perseguição contra os cristãos, que havia cessado em Roma depois de alguns anos, e de que cada dia selava a fé com

seu sangue algum generoso confessor de Jesus Cristo, chamou Bonifácio e disse-lhe com lágrimas nos olhos: «Bem sabes a necessidade que tu e eu temos de solicitar a proteção dos santos mártires, tão poderosa com o Senhor. Tenho ouvido dizer que todos os que servem aos santos que combatem por Jesus Cristo merecem que os mesmos santos intercedam por eles no tribunal do supremo Juiz; a perseguição é cada dia mais furiosa no Oriente; todos os dias se fazem novos mártires; vai, pois, e traze-me algumas relíquias; faze quanto puderes para apresentar-me o corpo de algum mártir, que eu o receberei com veneração e construirei em sua honra um oratório.»

Muito gostoso Bonifácio com semelhante comissão, dispôs um magnífico séquito para partir a desempenhá-la: tomou uma grande quantidade de dinheiro, tanto para comprar os corpos dos mártires como para socorrer os servos de Deus que estavam nos cárceres e para fazer avultadas esmolas aos pobres. Prevenidos, pois, doze cavalos, três liteiras e diversos aromas para embalsamar os santos corpos, partiu para a Cilícia. Ao despedir-se de sua ama, disse-lhe como por chacota: «Senhora, vós me enviais a que vos traga o corpo de algum mártir; se Deus me fizesse a graça de que eu desse minha vida pela fé e vos trouxessem meu corpo, tê-lo-íeis por relíquia?» «Bonifácio, respondeu-lhe Aglaé, já não é tempo de chacotas; a coroa do martírio não se fez para tão grandes pecadores: procura não desmerecer o trazer-me o santo depósito que te encarrego e fazer-te digno da proteção do santo cujas relíquias me conduzires.»

Fizeram estas palavras grande impressão em nosso santo. Proibiu-se o uso da carne e do vinho por todo o tempo da viagem; e, juntando a esta abstinência a contínua oração que fazia a Deus e as copiosas lágrimas de contrição que derramava, ia-se dispondo para a coroa do martírio.

Logo que chegou a Tarso da Cilícia, enviou à estalagem a bagagem e os criados e ele foi em busca de alguns cristãos da cidade para saber o que nela se passava. Muito logo o informaram seus mesmos olhos; porque, tendo chegado a uma grande praça, viu nela atormentar os santos mártires, que eram em número de vinte. Uns estavam pendurados de cabeça para baixo, em cima de uma fogueira acesa; outros estendidos sobre quatro paus e horrivelmente despedaçados; estes esquartejados, aqueles encravados, serrados, empalados, açoitados, quase expirando à violência dos golpes e tão cruelmente atormentados que os circunstantes, ainda que na maior parte pagãos, estavam horrorizados.

Aceso Bonifácio, à vista deste espetáculo, num novo desejo do martírio e animado de maior alento, cheio de confiança na misericórdia daquele Senhor que lhe dava tanto espírito, rompe pela multidão, aproxima-se dos santos mártires, abraça-os, beija ternamente suas feridas e grita com esforço fervoroso: «Grande é o Deus dos cristãos; poderoso é o Deus a quem adoram estes santos mártires e por cuja glória têm a ventura de derramar seu sangue. Servos de Deus, heróis cristãos, eu vos suplico que rogueis a Jesus Cristo por mim e me consigais a graça, ainda que sou tão grande pecador, de que tenha parte em vossos combates e em vosso triunfo.» Arrojando-se depois aos pés dos generosos confessores, beijava suas cadeias e, levantando a voz, dizia-lhes: «Bom ânimo, mártires de Jesus Cristo; combatei por aquele que combate convosco; confundi todo o inferno com vossa fé e com vossa constância; poucos momentos vos restam para padecer; o combate é curto, o prêmio é imenso, é eterno.»

O governador Simplício, que estava presente, tendo advertido o que se passava, deu ordem para que o conduzissem a seu tribunal e perguntou-lhe quem era e que queria dizer aquela espécie de entusiasmo. «Eu sou cristão, respondeu Bonifácio com tom intrépido e firme, e invejo aos bem-aventurados mártires a ventura que têm de derramar seu sangue por um Deus que, feito homem para redimir-nos, deu primeiro seu sangue e sua vida por nós.» Admirado o governador daquela intrepidez, perguntou-lhe: «Como te chamas?» «Já to disse, respondeu o santo: eu sou cristão; mas, se queres saber meu nome vulgar, chamo-me Bonifácio.» «Muito ousado és, replicou o governador, pois vens insultar-me ao pé de meu tribunal e à vista dos suplícios. Ali tens um altar, para que aqueles de tua religião que quiserem livrar-se deles sacrifiquem aos deuses: sacrifica tu ao instante ao grande Júpiter, porque, se não, vou dar ordem para que sejas atormentado de mil maneiras.» «Podes fazer de mim o que quiseres, respondeu o santo; pois já te disse repetidas vezes que sou cristão e não quero oferecer sacrifícios aos infames demônios.» Irritado furiosamente o governador com esta resposta, mandou espancá-lo até que moessem seus ossos; e, fazendo aguçar umas pequenas lascas, ordenou que lhas cravassem entre as unhas. Era a dor viva e aguda, mas o santo a tolerou com um semblante risonho. Julgando Simplício que o insultava com aquela rara serenidade, deu ordem para que lhe lançassem na boca chumbo derretido. Persuadido Bonifácio de que este tormento lhe tiraria o uso da língua, quis preveni-lo para consagrar a Deus o último exercício dela; e, levantando os olhos ao céu, fez esta devota oração:

«Dou-te graças, Senhor meu Jesus Cristo, porque te dignaste aceitar o sacrifício que te fiz de minha vida: vem, Senhor, em socorro de teu servo, perdoa-lhe todas as suas maldades; sejam purgadas com seu sangue e sirva-lhe a morte de penitência. Fortifica-me com tua graça e não permitas que me vençam os tormentos.» Acabada esta oração, voltou-se aos outros mártires e com voz alta disse-lhes: «Eu vos suplico, servos de Jesus Cristo, que rogueis a Deus por mim.» Todos os santos mártires se encomendaram também a suas orações. Enterneceu-se o povo à vista deste espetáculo e Bonifácio começou a clamar a vozes: «Oh, que grande é o Deus dos cristãos! Não há outro Deus; o Deus dos mártires é o único Deus verdadeiro. Jesus Cristo, Filho de Deus, salvai-nos; todos cremos em vós, tende misericórdia de nós.» A este tempo o povo lançou por terra o altar e começou a arrojar pedras contra o governador, que se viu obrigado a retirar-se e a esconder-se até que se apaziguasse a sedição.

O santo foi conduzido ao cárcere e, no dia seguinte, achando-o o juiz tão firme e tão intrépido como no anterior, mandou que o lançassem numa caldeira de pez e azeite fervente. Fez o santo mártir o sinal da cruz sobre ela e, rebentando a caldeira por todas as partes, saíram torrentes de pez derretido que abrasavam os circunstantes. Espantado o governador do poder de Jesus Cristo e temendo outra nova sedição, mandou que lhe cortassem a cabeça. Assim purgou Bonifácio as culpas de sua vida passada, derramando seu sangue por Jesus Cristo. A sua morte, que sucedeu no dia 14 de maio, seguiu-se imediatamente um grande tremor de terra que atemorizou os gentios, e muitos se converteram.

Neste tempo os companheiros e criados de Bonifácio, ignorantes do que havia passado, inquietos e cuidadosos, vendo que depois de dois dias não havia aparecido na pousada, andavam buscando-o por todas as partes; e até alguns se adiantaram a julgar que estaria sem dúvida em alguma casa de jogo ou talvez em outra pior. Como andavam perguntando por um estrangeiro recém-chegado de Roma, de mediano talhe, robusto, de cabelo louro e crespo, com uma capa vermelha,

encontraram-se com o irmão do carcereiro, que pelas senhas lhes disse que era sem dúvida um que dois dias antes haviam preso por cristão e lhe haviam cortado a cabeça. «Não nos fareis o favor de mostrar-nos o corpo?», disseram-lhe eles. E ele lhes respondeu: «Não tendes mais que seguir-me, pois ainda o acharemos na arena.»

Apenas o reconheceram, quando, cheios de admiração, de gozo e de arrependimento pelos maus juízos que haviam feito, arrojaram-se a seus pés, desfazendo-se em lágrimas. Então a cabeça do santo mártir, com um prodígio verdadeiramente extraordinário, abriu os olhos e, mirando-os a todos com um lisonjeiro sorriso, encheu-os de compunção e de consolo. Depois de haverem satisfeito sua devoção, pediram ao oficial que lhes permitisse levar o santo corpo; e o conseguiram mediante quinhentos escudos de ouro que lhe deram por ele. Embalsamaram-no e envolveram-no em preciosos panos e, metendo-o numa liteira, voltaram a tomar o caminho de Roma, não cessando de louvar a Deus pelo ditoso fim do santo mártir.

Por este tempo, achando-se Aglaé em oração, ouviu uma voz do céu que lhe disse: «Aquele que antes era criado teu já é irmão nosso; recebe-o como a teu Senhor e coloca-o dignamente, porque singularmente a sua intercessão deverás que Deus te perdoe teus pecados.» Levantou-se prontamente e, saltando seu coração de alegria, rendeu mil graças a Deus pela misericórdia que havia usado com seu servo. Rogou a alguns clérigos que a acompanhassem e saiu a receber as santas relíquias, cantando devotas orações pelo caminho, todos com velas nas mãos e com prevenção de aromas. Apenas haviam andado um quarto de légua quando chegou o corpo do santo mártir. Não se pode explicar a veneração e as lágrimas de gozo com que foi recebido. Enterraram-no num terreno que era possessão de Aglaé e ali mesmo esta fez levantar um magnífico sepulcro e alguns anos depois mandou construir um oratório. Renunciou inteiramente ao mundo, repartiu seus bens entre os pobres, deu liberdade a seus escravos e, não tendo consigo mais que algumas donzelas que a serviam, dispôs que lhe fizessem uma ermida junto à capela do santo mártir, onde viveu ainda treze anos entregue aos mais exemplares exercícios de devoção e morreu santamente, declarando o Senhor a santidade de sua serva com muitos milagres.

Martirológio Romano

A festa de São Bonifácio, mártir, que padeceu em Tarso da Cilícia no tempo dos imperadores Diocleciano e Maximiano; seu corpo foi levado depois a Roma e enterrado na via Latina.

Na França, São Pôncio, mártir, por cuja pregação ou indústria se converteram à fé de Jesus Cristo os dois Filipes Césares; alcançou a palma do martírio no império de Valeriano e Galieno.

Na Síria, São Vítor e Santa Coroa, mártires, no tempo do imperador Antonino. Vítor foi primeiramente atormentado pelo juiz Sebastião com muitos gêneros de suplícios, e todos igualmente horríveis: então a mulher de um soldado chamada Coroa, admirando a constância com que sofria tão cruéis dores, principiou a louvar seu esforço e a chamá-lo bem-aventurado; ao mesmo tempo viu cair duas coroas do céu, uma para Vítor e a outra para ela; e, assegurando isto a todos os circunstantes, foi despedaçada entre duas árvores, e Vítor decapitado.

Na Sardenha, os santos mártires Justo, Justina e Henedina.

Em Roma, São Pascoal, papa, que fez tirar das grutas muitos corpos de santos mártires e colocá-los honoravelmente em várias igrejas.

Em Ferento, na Toscana, São Bonifácio, bispo, o qual, segundo escreve o papa São Gregório, floresceu desde sua infância em santidade e milagres.

Em Nápoles, São Pomponio, bispo.

No Egito, São Pacômio, abade, que fundou neste país um grande número de mosteiros e escreveu para seus monges a regra que lhe havia ditado um anjo.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui beati Bonifacii martyris tui solemnia colimus, ejus apud te intercessionibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que os que celebramos a festividade de vosso bem-aventurado mártir Bonifácio sejamos ajudados com sua intercessão. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da Sabedoria, e a mesma que a do dia 1.

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce

> quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Nota

«O livro da Sabedoria é sublime e persuasivo em muitos lugares. Inspira um profundo respeito às coisas de Deus e grande desprezo de tudo o que parece mais estimável no mundo. Faz uma pintura tão viva do espanto e do desespero dos maus quando se virem no tribunal de Deus que talvez não haja em toda a Escritura coisa mais capaz de fazer uma terrível impressão nos corações.»

Reflexões

Que néscios fomos! Que insensatos!, dizem na hora da morte os mundanos, os dissolutos, os carnais, os ímpios. Isto se chama conhecer muito tarde seus extravios; e de que servirá então esse conhecimento? Que efeitos produz essa confissão? Turbações, arrependimentos pungentes, mas estéreis, um despeito que dista pouco da raiva e um desespero que é seguido de uma infelicidade eterna. O que voluntariamente quis manter-se na ilusão e no erro, o que quis ser insensato na vida, faz-se prudente e discreto na hora da morte; mas discrição muda, ineficaz; discrição puramente especulativa, que chega já muito tarde; discrição que descobre o erro sem remédio, porque já não é tempo. Esta discrição também a têm os demônios e os condenados no inferno, do mesmo modo que têm aquela fé que os espanta, que lhes descobre sua passada necedade, que os faz estremecer, mas não os converte.

Verdadeiramente causa grande compaixão ver aquela néscia segurança e até aquela complacência com que os homens se extraviam. Por pouco que a vontade e a razão estejam de acordo em algum ponto, já não se admite nem a mais leve suspeita de erro; a maior ilusão julga-se pela mais constante verdade e até muitas vezes por primeiro princípio na filosofia do mundo. Daqui nasce aquela licença de costumes, na verdade civilizada e cortês, mas cuja corrupção causa tanto maior estrago quanto parece menor sua malícia, não causando espanto nem sequer novidade.

Não se fala aqui daquelas grosseiras desordens, daquelas dissoluções que sempre se olham com horror, que condenam todos os homens de bem; fala-se daqueles vícios domesticados, daquelas paixões civilizadas que o amor-próprio achou meio de fazer reinar pacificamente até entre gentes que fazem profissão de devotas. A paixão dominante, esse vício favorecido de cada um, logra de ordinário esta sorte. Já fatigue, já atormente, já consuma o corpo e já desgaste o espírito, não se a inquieta; como seu domínio é tão doce, sempre é tranquilo; escusam-se e até se autorizam seus mesmos excessos. Nada mais pasmoso que os sistemas de bondade, de honradez e até de virtude que cada um forja em favor da ilusão. Sempre cobiçosos de bens, sempre mais e mais afanados por acumulá-los, sempre escravos de uma insaciável avareza, tudo se sacrifica ao interesse: tranquilidade, amigos, consciência, tudo se imola a este ídolo. Se a religião, se a razão, se a consciência gritam que é impiedade, que é injustiça, não se lhes dá ouvidos: porque no tribunal que favorece a paixão estão corrompidas todas as testemunhas. Quando o amor-próprio quer, por assim dizer, elevar ao trono a ambição, a avareza ou alguma outra daquelas paixões a que é mais propensa a inclinação do coração humano, tem grande cuidado de ganhar primeiro a razão; uma vez logrado seu voto, não somente tudo cede, mas tudo concorre a fazer seu reinado tranquilo. Já não se pensa em descobrir sua tirania, mas em amar sua opressão e sua dureza. Esta é a grande obra daquelas ilusões, que o são mais do coração que do entendimento. O desvario chega até uma espécie de insensatez. Faça-se a pintura mais viva e mais natural da paixão dominante ou do vício mais favorecido de cada um; represente-se com as cores mais expressivas; todos são muito engenhosos para aplicá-la a outros, e ninguém há que reconheça nela seu retrato. Não se pensa mais que em ganhos; não se fala mais que de negócios; não se emprega o tempo mais que em expedientes; toda a vida se passa num trabalho duro e penoso que a ilusão chama governo, previsão e prudência. Um sucesso feliz, mas pequeno, ainda que nunca corresponda à esperança, aviva todos os desejos e não apaga nenhum. Em meio de uma disposição tão pouco cristã vive-se sem remorsos, porque o coração e o entendimento estão acordes. A preocupação fecha a porta a todas as reflexões; com que nada pode dissipar aquela névoa. Uma vez que a consciência é muda, já não se dão ouvidos aos conselhos salutares nem às mais fortes inspirações: nem sequer se adverte o perigo quando se vive no erro. Logo que Sansão se viu escravo, perdeu a força e os olhos; imagem viva de nossas ilusões. *Nos insensati.* A que coisas chamaremos loucura, se não o é a falsa segurança de muitíssimas pessoas? Na hora da morte desvanecem-se todas as ilusões; então se vê, pensa-se, discorre-se com acerto; mas para quê? Para inferir que tudo se perdeu: *Ergo erravimus.* Sinceridade cheia de desespero.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João, e o mesmo que o do dia 7.

João 15,1-7

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum,

> ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis.

Português: [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

Meditação

Da vida estéril em boas obras

Primeiro ponto

Considera quanto tem feito Deus por nossa salvação; quanto tem trabalhado até agora para que déssemos fruto; com que bondade nos tem estreitado, solicitado e oferecido mil meios para santificar-nos.

Traze à memória aquela parábola, por uma parte tão instrutiva e por outra tão eficaz, de que se valeu o Salvador quando disse que, tendo ido o pai de família a recolher o fruto de uma figueira que havia plantado numa vinha e achado que nenhum havia dado, disse ao guarda: *Já vês que faz três anos que venho buscar o fruto desta figueira e em todos os três não deu fruto algum; corta-a, pois, que não é razão que ocupe inutilmente a terra.* O guarda lhe respondeu: *Senhor, tende a bem permitir que se a deixe um ano mais; eu a cultivarei e, se o fruto não corresponder a meu cultivo, então se poderá cortar.*

Nós éramos no mundo não somente árvores estéreis, mas dessecadas e carcomidas com o pecado original. Transplantou-nos Deus, por assim dizer, no campo fértil de sua Igreja, por um efeito

particular de sua misericórdia, preferindo-nos a tantos outros; ou, por graça ainda muito mais especial, transplantou-nos no campo da religião, se temos a ventura de haver abraçado o estado religioso.

Fizemos alguma vez digna reflexão sobre a vantagem que logramos em haver sido transplantados numa terra tão santa, tão cultivada com os trabalhos e tão regada com o suor e com o sangue de um homem Deus? Esta é aquela terra que em todos os tempos tem produzido aqueles ilustres heróis do cristianismo e que todos os dias está produzindo tão grandes santos de todas as idades, de todos os sexos e de toda sorte de estados. Essas grandes almas, com a mesma cultura, isto é, com os mesmos auxílios que nós logramos, deram e estão dando cada dia frutos dignos da vida eterna.

Não tiveram outro Evangelho nem outros sacramentos; os auxílios em todos os tempos têm sido abundantes. Só tiveram cuidado de viver segundo as máximas de Jesus Cristo, de aproveitar-se do frequente uso dos sacramentos, de cumprir exatamente as obrigações de seu estado e de corresponder com fidelidade à graça.

Se temos a ventura de viver no estado religioso, olhemos aos grandes santos que nos precederam como originais ou modelos que devemos imitar. Não tiveram outras regras que as nossas; só foram mais fiéis em observá-las e só com observá-las se fizeram santos. Fora isso, nós logramos uma vantagem que não lograram eles, e é o estímulo de seus bons exemplos. Eles passaram adiante e nos ensinaram que coisa tão doce e tão segura é seguir-lhes. Nós mesmos confessamos que foram verdadeiramente discretos e verdadeiramente ditosos por haver vivido como viveram; seremos nós prudentes e poderemos racionalmente esperar que seremos felizes vivendo como vivemos? Meu Deus, que manancial este de reflexões, de arrependimento e talvez também de um justo sobressalto, considerando minhas ingratidões, minha covardia e minhas infidelidades passadas! E que deverei esperar eu se não produzem outro fruto estas reflexões!

Segundo ponto

Considera que não recebemos de Deus somente os benefícios ordinários e comuns: cada um encontra dentro de si mesmo grandes motivos para confundir-se à vista das singulares misericórdias do Senhor e de sua própria ingratidão. Tragamos à memória todos os cuidados com que Deus procurou cultivar-nos, se pode dizer-se assim, a fim de que déssemos mais fruto.

Que providência mais amorosa desde o mesmo berço! Que série mais continuada de auxílios e de meios poderosos por todo o curso de nossa vida! Quantos bons pensamentos, quantas luzes espirituais desde que amanheceu em nós o uso da razão! Poderemos contar o número de todas as graças que Deus nos tem dispensado desde que estamos no mundo? Quantas vezes nos tem sustentado com o pão dos anjos, isto é, com sua própria carne e com seu preciosíssimo sangue! Quantas nos tem falado no interior do coração com secretas inspirações! Quantas luzes sobrenaturais, quantas solicitações amorosas, quantos fortes impulsos, quantas graças, quantos auxílios naquelas comunhões, naquele sermão, naquelas enfermidades, na notícia daquela morte, à vista daquele acidente, naquela conversação, nesta mesma leitura! Quantos avisos, quantos

bons exemplos e quantos outros inumeráveis favores de que nos tem cumulado Deus!

Certamente não eram mister tantos meios para fazer um grande santo. E quantos santos haverá no céu que não tiveram tantos? Com tudo isso deram copiosos frutos de santidade; aproveitaram bem seus talentos e sua vida foi fértil em boas obras. Nem o falso brilho das grandezas humanas nem o contágio dos maus exemplos, nada foi bastante para alterar sua constância. Trabalharam eficazmente no negócio de sua salvação, correspondendo à graça; e, cumulados de méritos, gozam no presente da eterna bem-aventurança, justa recompensa de sua fidelidade. Quanto deve confundir os cristãos covardes e os religiosos tíbios o exemplo só de São Bonifácio!

Considera seriamente e sem lisonjear-te se, tendo recebido os mesmos auxílios que estes santos, tem sido tua vida fecunda em boas obras como a sua e se o sangue de Jesus Cristo, que te regou como a eles, produziu em ti copiosos frutos. Não nos escusemos com a má qualidade do terreno; de si tudo é ingrato e não produz mais que abrolhos e espinhos; para cultivá-lo é mister continuação e aplicação ao trabalho.

Ó Deus meu, e quanta verdade é que eu sou aquele sarmento que somente serve para ser lançado ao fogo! Que misericórdia, que bondade a de haver-me sofrido tanto tempo! Oh, e que sensível impressão faz em mim vossa paciência! Não vos canseis, Senhor, de esperar-me nem de assistir-me com vossa graça; desde este instante me rendo e, mediante vós, nenhuma coisa será capaz de fazer frustrar minha conversão.

Jaculatórias

> *Tempus faciendi, Domine: dissipaverunt legem tuam.* Sl 118.

Que tempo mais oportuno, Senhor, para produzir frutos e deixar de ser estéril que este tempo em que tão mal se observam vossos mandamentos?

> *Benedictus es, Domine: doce me justificationes tuas.* Sl 118.

Bendito sejais, Senhor, por haver-me sofrido tanto tempo. Agora só desejo que me deis a entender vossa vontade e vos suplico que me concedais graça para obedecê-la.

Propósitos

1. Que importa que estejamos arraigados em Jesus Cristo por meio da fé? Todo rebento infrutuoso se corta e se lança por terra: *Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum* [^1]. É preciso produzir mais que flores e folhas; não basta isto, é mister que os frutos cheguem a amadurecer. Tens fé; mas a fé sem obras de que serve? Estas são as que se chamam frutos. Negociaste ao dobro com os talentos que recebeste? Levaste frutos dignos de penitência? São teus dias verdadeiramente cheios? Foste prevenido com mil bênçãos; socorreu-te Deus com grandes auxílios; recebeste de sua liberalidade singulares graças: mas que fruto produziu tudo isto? Que reforma de costumes? Que aumento de fervor? Que ternura de devoção? Lembra-te de que foi castigado aquele servo que não negociou com o talento, sem valer-lhe o havê-lo conservado intacto. Uma vida infrutuosa e inútil é um motivo de condenação.

2. Há frutos de diferentes espécies e há várias qualidades nestes frutos. Uns sempre estão verdes e jamais amadurecem; outros são ásperos e de gosto desabrido; outros estão roídos ou carcomidos; e alguns há que não têm mais que uma linda cor, uma bela aparência. Tem presente que as obras de maior edificação se corrompem muitas vezes por um motivo bastardo. O secreto orgulho costuma ser um verme que rói a maior parte das boas obras. As paixões são engenhosas e sabem disfarçar-se com muita arte. Costuma-se ter por zelo o que muitas vezes não é mais que viveza de gênio ou uma atividade natural em que tem muita parte a vaidade, ainda que pareça servir de principal móvel o pretexto da glória de Deus e da salvação das almas. É mister que nossos frutos sejam da estação para estar maduros, quero dizer, que as virtudes que praticamos sejam próprias de nosso estado. Uma mulher casada e mãe de família que todo o dia quisesse estar na igreja desagradaria muito a Deus, ao mesmo tempo que lhe agrada muito uma religiosa que passa nela a maior parte da vida. Considera bem de que qualidade são as boas obras que praticas, quais os motivos e quais os frutos. Não te fazem tuas devoções melancólico e intratável? Pessoas há que nunca se mostram de pior humor que quando estiveram longas horas na igreja. E quantas há que só trabalham por bem parecer ao mundo! Sua vida é laboriosa, mas infrutuosa para a eternidade. És tu deste número?

[^1]: Jo 15,2. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:10 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:10 by Admin